

Sumário

Artigos e Comentários

- 9 Os desafios geopolíticos da Ásia no século XXI: Japão, China e Coreia**
Masato Ninomiya
Aurea Christine Tanaka

A situação geopolítica da Ásia neste século é tão peculiar como tensa devido às aspirações de seus três principais atores. Japão, China e Coreia ainda não resolveram questões históricas entre si, mantêm alianças antigas e atuais que se conflitam e, curiosamente, preservam os legados de seus três velhos líderes. As controvérsias entre as três nações são seculares, mas têm sido mais significativas desde a Segunda Guerra Mundial, que terminou há 70 anos, mas deixou feridas ainda abertas em segmentos dessas sociedades nacionais. O artigo descreve alguns elementos dessas controvérsias.

- 37 O novo ambiente estratégico do Transpacífico: uma perspectiva dos EUA**
R. Evans Ellis

O ressurgimento da China como potência global resultou no aumento das interações econômicas e políticas dos dois lados do Pacífico e em batalhas diplomáticas nas negociações do Acordo da Parceria Transpacífico (TPP), na Área de Livre Comércio do Pacífico Asiático (FTAAP) e no fórum China-CELAC (Comunidade dos Estados da América Latina e Caribe). Faz-se necessário garantir que o regime de normas, regras e estruturas de governança formais e informais nas relações entre as Américas e a Ásia seja caracterizado pelo estado de direito, livre-comércio, proteção da propriedade intelectual e governança democrática. A conquista desse regime transpacífico exige dos EUA o ajuste de sua abordagem tanto em relação à Ásia quanto às Américas. Washington deve priorizar a conclusão do TPP, mas estar ciente que o custo de sua desatenção sobre o novo regime será enfrentar uma China poderosa.

- 49 O desempenho do fluxo de investimento direto externo internacional e nos BRICs de 2001 a 2011**
Jéssica dos Santos
Divaniildo Triches
Márcia Regina Godoy

O fluxo de investimento estrangeiro direto para os países em desenvolvimento aumentou muito mais do que às economias desenvolvidas nos dez anos concluídos em 2011. A China e o Brasil foram, entre as economias emergentes, as maiores receptoras de capital estrangeiro para o setor produtivo. Multinacionais do setor automotivo e de petróleo elevaram seus ativos entre os países industrializados. Mas a China National Offshore Oil Co e o Noble Group Ltd responderam pela maior destinação de recursos a ativos dos BRICs – Brasil, Rússia, Índia, China.

67 A atuação dos BRICS no Conselho de Segurança das Nações Unidas no ano de 2011

Ana Paula L. Oliveira
Eduardo Uziel
Rafael Rocha

O presente artigo avalia o fluxo de investimento estrangeiro direto no período e as variáveis macroeconômicas dos BRICS e baseia-se em análises estatísticas e coeficientes de correlação.

Tendo como referência o ano de 2011, quando todos os membros dos BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – estavam representados no Conselho de Segurança das Nações Unidas, este artigo analisa as contribuições desses países dentro de uma perspectiva de coordenação de posições entre si. Em especial, nos tópicos mais controversos da agenda do Conselho de Segurança daquele ano. A avaliação baseia-se no padrão de votos e em outros dados úteis.

79 Intuições sobre a ausência do Brasil em *O capital no século XXI*
Jorge Caldeira

O Brasil é quase absolutamente ignorado no livro de Thomas Piketty, um dos mais importantes e discutidos *best-sellers* do ano passado, exceto por uma nota de rodapé, em que o autor se queixa sobre a falta de fornecimento de dados fiscais pelo governo. O ensaio procura oferecer o possível para minorar a exclusão: algumas intuições pessoais treinadas em 20 anos de pesquisas sobre história econômica brasileira, abrangendo desde a produção das sociedades pré-cabralinas até o capitalismo. A intenção é tentar fornecer elementos numéricos que possibilitem vislumbrar um lugar para a economia brasileira na comparação com as séries estatísticas mundiais do livro – mas, sobretudo, indicações de hipóteses para diálogos com as disciplinas com as quais Piketty interage.

97 O estado da economia mundial: uma questão de fé?
Monica Baumgarten Bolle

Passados sete anos da crise financeira de 2008, tomadores de decisões em todo o mundo ainda estão procurando respostas para o atoleiro do crescimento. O debate em torno da situação da economia mundial acabou impregnado por crenças que lembram a mais famosa advertência de John Locke de que as pessoas, em geral, atribuem probabilidades mais elevadas às suas crenças do que as evidências sugeririam. Atualmente há um excesso de certezas para explicar o apagado crescimento, o que resulta em grandes teorias que nem sempre correspondem às evidências, como é o caso da chamada “Estagnação Secular”. Este artigo avalia o estado da economia mundial sem recorrer a argumentações exageradas. Recentes acontecimentos e desafios políticos no Brasil são igualmente discutidos em face do panorama para a economia mundial nos próximos anos.

105 Cuba volta ao Hemisfério
Peter Hakim

Depois dos anúncios de Barack Obama e de Raúl Castro de seus planos para pôr fim a meio século de hostilidades entre os Estados Unidos e Cuba, em dezembro de 2014, as diplomacias cubana e norte-americana conseguiram lidar com incidentes capazes de tornar inviável a restauração das relações bilaterais e fizeram da VII Cúpula das Américas, no Panamá em abril passado, o palco da reintegração de Cuba ao hemisfério. Este fato foi consolidado, no Panamá, durante o primeiro encontro entre os presidentes dos dois países desde 1958. Apesar das dificuldades ainda presentes

no processo de reconciliação, a Cúpula das Américas provou sua relevância – e, por extensão, da Organização dos Estados Americanos (OEA) – como mecanismo capaz de solucionar conflitos internos e disputas regionais. O Hemisfério Ocidental pode oferecer uma melhor estrutura para atender às necessidades das nações latino-americanas do que as alternativas sub-regionais.

115 ABC da cooperação entre a Colômbia e a OTAN: doze perguntas e respostas

Rocío del Pilar Pachón Pinzón

O acordo de cooperação que a Organização do Tratado do Atlântico Norte e a Colômbia pretendem firmar vai além de aspectos militares e pode levar uma década até ser concluído. Custos estratégicos e humanos por parte da Colômbia estarão envolvidos nas negociações, além das vantagens que o artigo registra. O ensaio procura responder a doze questões fundamentais sobre esse acordo, sob uma ótica mais política do que militar.

129 Genocídio armênio: uma introdução histórica

Heitor de Andrade Carvalho Loureiro

Ao se completar o centenário do genocídio armênio pelo Império Otomano, a Humanidade ainda se defronta com a resistência turca em assumir a responsabilidade por tal crime. O massacre de 800 mil a um milhão de armênios entre 1915 e 1923 – em prisões, nas marchas para a morte, em campos de concentração – foi gerado pelas condições históricas e pela onda nacionalista turca daquele momento. Mas comporta comparação com o Holocausto dos judeus promovido anos mais tarde pela Alemanha nazista e não pode ser negado. A questão armênia continua atual e reverbera nos massacres de minorias em curso.

Passagens

153 Bernardo Pericás Neto (1941-2015), embaixador modelar

Ronaldo Sardenberg

O Mundo na Ficção

157 *Timbuktu*

Abderrahmane Sissako

Helga Hoffmann

Livros e Revistas

163 *Os desafios da América Latina no século XXI*

Enrique Iglesias (coord.)

Janina Onuki

167 *Cadernos de Política Exterior*

Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (Ipri)

Denise Chrispim Marin

**170 Como o Direito Internacional
(não) funciona, como deveria
funcionar: leitura comparativa**

Arthur A. Stein

Jack L. Goldsmith e Eric A. Posner

Andrew T. Guzman

Tai-Heng Cheng

Henrique Lian

**175 *Brazil: The Trouble Rise
of a Global Power***

Michael Reid

Jeff Hornbeck

Documentos

**179 Discurso de agradecimento
ao receber o título de
*Person of the Year***

Fernando Henrique Cardoso

**185 Discurso de encerramento do curso
de Economia Ibero-americana da
Cátedra José Bonifácio,
da Universidade de São Paulo**

Enrique Iglesias

**193 Discurso de agradecimento
ao receber a Medalha Gilbert**

Celso Lafer

**195 Discurso na cerimônia de
lançamento do livro *II Conferência
da Paz, Haia, 1907***

Sérgio Eduardo Moreira Lima

Carta dos editores

No próximo dia 2 de setembro, vai ser comemorado o septuagésimo aniversário da assinatura, a bordo do USS Missouri, do documento pelo qual o Japão se rendeu às forças aliadas o que marcou o fim da Segunda Guerra Mundial. No entanto, as tensões entre Japão e dois de seus inimigos asiáticos naquele conflito, China e Coreia, ainda se mantêm.

Em grande medida, a razão pela qual as três nações continuam a se digladiar diplomaticamente (Japão e China ainda têm divergências territoriais sobre ilhas no Mar da China) se refere às memórias da Segunda Guerra, embora as hostilidades entre elas ocorram há séculos. Masato Ninomiya e Aurea Christine Tanaka analisam esses problemas históricos e suas perspectivas para o futuro em artigo alentado, que abre esta edição.

A capa deste número é a reprodução de xilogravura do artista japonês Hanabusa Itchō (1652-1724) que ilustra o difundido conto de origem indiana sobre cegos chamados a descrever um elefante por meio do toque em diferentes partes do seu corpo, com o resultado de que, cada um, limitado a um aspecto apenas do bicho, ninguém consiga distinguir que animal é aquele. De forma similar, sem que se entendam todas as múltiplas e complexas particularidades daquela área do mundo, ninguém conseguirá decifrá-la propriamente.

A China é o assunto do artigo seguinte, especificamente sua presença nas negociações de importantíssimos acordos multilaterais, como o Acordo da Parceria Transpacífico (TPP), a Área de Livre Comércio do Pacífico Asiático (FTAAP) e o fórum China-CELAC (Comunidade dos Estados da América Latina e Caribe). Evan Ellis, do Center for Strategic and International Studies, preparou este texto especialmente a *Revista*.

No contexto dos BRICS, a China prossegue como tema desta edição nos dois artigos que se seguem. No primeiro, Jéssica dos Santos, Divanildo Triches e Márcia Regina Godoy avaliam o fluxo de investimento estrangeiro direto nos países do grupo e mostram o papel fundamental que os chineses têm tido nesse processo. No outro texto, Ana Paula L. Oliveira, Eduardo Uziel e Rafael Rocha analisam o comportamento dos membros dos BRICS no Conselho de Segurança da ONU em 2011, quando todos estavam naquele organismo.

Jorge Caldeira, integrante do nosso Conselho Editorial, é o autor do muito interessante ensaio que vem a seguir, no qual ele tenta preencher o vazio em relação ao Brasil no *best-seller O capital no século XXI*, de Thomas Piketty, no qual o país só aparece uma vez, em uma nota de rodapé. Para isso, ele oferece elementos numéricos que possibilitam vislumbrar um lugar para a economia brasileira na comparação com as séries estatísticas mundiais usadas pelo autor no livro.

Sete anos depois da eclosão da crise financeira de 2008, o mundo ainda está se debatendo, em todos os continentes, com as dificuldades para retomar o crescimento. Monica Baumgarten de Bolle, em artigo que escreveu para a *Revista*, lembra a advertência de John Locke de que as pessoas, em geral, atribuem probabilidades mais elevadas às suas crenças do que as evidências sugeririam. Seu texto avalia o estado da economia mundial sem recorrer a argumentações exageradas.

EUA e Cuba estão próximos de reabrir embaixadas recíprocas, embora seja improvável que o Senado americano vote rapidamente qualquer indicação do presidente Barack

Obama para o cargo. Essa será a culminação do degelo entre os dois países promovido por Obama e seu colega Raúl Castro. O tema é analisado por Peter Hakim, presidente emérito do Diálogo Interamericano, em texto que ele preparou para a *Revista*.

O próximo artigo trata de assunto muito pouco discutido no Brasil: o acordo de cooperação que a Organização do Tratado do Atlântico Norte e a Colômbia pretendem firmar. Sua autora é Rocío del Pilar Pachón Pinzón assessora do Chefe de Planejamento e Transformação do Exército Nacional da Colômbia, que, apesar de sua especialização, faz uma avaliação mais de ordem política do que militar sobre eventuais vantagens e problemas do acordo do ponto de vista colombiano.

Finalmente, Heitor de Andrade Carvalho Loureiro escreve sobre os cem anos do genocídio armênio pelo Império Otomano, que resultou entre 800 mil e um milhão de mortes, e sobre a resistência que a Turquia ainda mantém em reconhecer o que aconteceu.

Na seção “Passagens”, o embaixador Ronaldo Sardenberg homenageia a memória de Bernardo Pericás Neto, seu colega e primo-irmão, um dos mais completos diplomatas brasileiros de sua geração.

Em “O Mundo na Ficção”, Helga Hoffmann, que tem colaborado com grande brilho para a seção, trata do filme “Timbuktu”, do cineasta da Mauritânia Abderrahmane Sissako, que se baseia na ocupação da cidade daquele nome em Mali pelo Estado Islâmico.

Quatro resenhas de livros integram esta edição. Janina Onuki faz a de *Os desafios da América Latina no século XXI*, coordenado por Enrique Iglesias, que é o resultado do trabalho do ex-presidente do BID à frente da Cátedra José Bonifácio, da Universidade de São Paulo. Na seção “Documentos”, o discurso de Iglesias no encerramento de sua participação na Cátedra também pode ser encontrado, o que complementa bem a resenha.

A editora-adjunta da *Revista*, Denise Chrispim Marin, avalia a edição inaugural de *Cadernos de Política Exterior*, editado pelo Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (Ipri). Registramos com prazer a chegada deste novo “concorrente” e lhe desejamos excelentes realizações.

Henrique Lian faz, num trabalho de fôlego que corresponde a um ensaio, uma resenha conjunta de quatro livros recentes e importantes sobre Direito Internacional: *Why Nations Cooperate: Circumstance and Choice in International Relations*, de Arthur A. Stein; *The Limits of International Law*, de Jack L. Goldsmith e Eric A. Posner; *How International Law Works: a Rational Choice Theory*, de Andrew T. Guzman, e *When International Law Works: Realistic Idealism After 9/11 and the Global Recession*, de Tai-Heng Cheng.

Finalmente, Jeff Hornbeck resenha o livro de Michael Reid, ex-editor da revista *The Economist* para a América Latina (e atualmente o responsável pela coluna intitulada Bello, da mesma publicação, que trata de temas do nosso subcontinente), intitulado *Brazil: The Troubled Rise of a Global Power*.

Na seção “Documentos”, quatro discursos recentes: o do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ao receber o título de *Person of the Year*, o do ex-presidente do BID Enrique Iglesias ao final de sua participação como titular da Cátedra José Bonifácio da USP, o do ex-ministro das Relações Exteriores Celso Lafer ao receber a Medalha Gilbert, e o do presidente da FUNAG, Sérgio Eduardo Moreira Lima, na cerimônia de lançamento do livro *II Conferência da Paz, Haia, 1907*.

* * *

Na semana em que encerrávamos os trabalhos de edição deste número, fomos dolorosamente surpreendidos pela morte de Clodoaldo Hugueney Filho, grande diplomata brasileiro que vinha exercendo a presidência do Conselho Empresarial Brasil-China. Desde que deixou seu último posto oficial, de embaixador em Pequim, vinha colaborando assiduamente com a *Revista*, onde teve muitos amigos e admiradores. Escreveu sobre os destinos da China sob a quinta geração de líderes comunistas, sobre o filme *Um Toque de Pecado*, do cineasta chinês Jia Zhangke, e, na edição anterior a esta, um magnífico ensaio sobre o futuro da OMC. A diversidade temática de sua colaboração recente com a *Revista* comprova o seu ecletismo intelectual, com o qual contávamos bastante para os próximos números. Fará grande falta a todos que com ele conviveram e tiveram oportunidade de usufruir de sua inteligência.

Os editores

